

TRECHO DE ROMANCE

2

FADE IN

Por Wander Shirukaya

Adrian

Tava cansado de ouvir aquele prog mais convencional, Floyd, Yes, Genesis, aquela coisa toda, e fui na loja que ficava a dois quarteirões de casa. Tinha um cara que nunca tinha visto lá, e pelo jeito tava trabalhando. Gostava mais da coroa que trabalhava antes, disseram que arrumou coisa mais interessante pra fazer do que ficar pesquisando sobre música pra entender a língua da turma que colava por ali. Engraçado é que o cara novo acabou me convencendo a levar o London Calling! Puta que pariu, você sai de casa pra pegar um som mais elaborado e volta com aquela coisa tão simples! Mas o pior é que eu pirei no som. Ele pôs pra rolar nos falantes da loja, ouvi com bastante atenção, já pensando em descer o pau. Acabei ficando fã, eu e o cara trocamos uma ideia a tarde toda, Johnny o nome dele. Disse a ele o meu nome, e aí, sou Adrian. Aí ele me mostrou um violão que estava atrás do balcão. Você é um cara legal, só precisa saber que há mais coisas no mundo da música do que épicos de vinte e oito minutos. Eu ri com a bobagem que ele tava dizendo, uma menina que tava escolhendo umas camisetas no outro lado pareceu ouvir e riu. E aquela mina? Gostosinha, hein! Eu não sei bem, mas me pareceu que ele tava querendo fazer um raio-X da moça. Como ela tava de costas, acho que nem percebeu. Peguei o violão, dedilhei alguns arpeggios.

Você toca bem, cara! Quando ele disse que também era formado em música, acabei desafiando ele pra uma jam. Apesar das desavenças, ali começou uma grande amizade. Toquei muito na tele dele.

Lune

Esse álbum é ótimo. Obrigada. Goo realmente é um grande disco, o que eu tinha em casa era pirata, tava a fim de encontrar original pra completar minha coleção. Assim, me contentava em andar com ele estampado na camiseta que o moço da loja elogiou. Onde ficam as camisetas? Ali do lado, perto daquele balcãozinho com miniaturas. Assobiava uma música, não me lembro qual, enquanto vasculhava os cabides. Stones, Cannibal Corpse, todos os gostos ali, eu ainda mal conhecia, quer ajuda, moça? Te preocupa não, moço. Chegou um cara esquisito solfejando uma coisa que não entendi o que era, que tu tem de prog aí? Deixei a conversa deles pra lá, passei por mais camisetas, uma estampa legal que ficasse bem com minhas pulseiras ou com meu cabelo. Ruiva combina fácil com tudo, ri lembrando do que disse um namorado meu uma vez. Pena que eu nunca consegui pensar daquela maneira. Resultado: não comprei nada, volto outra hora, saí, os dois mal perceberam, conversavam sobre música. Ainda parei na vitrine da loja ao lado, instrumentos, que guitarra linda! Não, contrabaixo, tinha numa plaquinha com o preço. Deixei de sonho e fui pra casa.

Johnny

Na loja era proibido fumar, por isso me escondi no banheiro,

ouvi um barulho. Como poderia ser algum cliente ou mesmo o dono da loja, atirei os restos de cigarro na privada, dei descarga e fui ao balcão. Para minha sorte, foi apenas uma cliente, uma ruivinha procurando por camisetas. Tive vontade de recomendar qualquer uma; ruivas são mais adaptáveis, sem muitos problemas para se vestir. Para não ser inconveniente, ative-me a lhe mostrar a seção das camisetas. Nesta hora chegou um sujeito de jeans e camiseta preta sem estampa alguma. Indiquei-lhe Floyd, Yes, Genesis, ele deve ter achado meio primário. Para não perder o cliente, deixei-o ouvindo algo do meu gosto enquanto fui vasculhar algumas coisas do gosto dele, pensei ter visto, logo quando comecei a trabalhar, algo do Van der Graaf Generator por lá, mas não sabia onde. O rapaz me chamou de volta, comentando ter gostado do som. É Clash. Classicão! Achei até estranho alguém que dizia ter um gosto tão refinado não conhecer, mas preferi evitar conflito. Peguei um violão. Você é um cara legal, só precisa saber que há mais coisas no mundo da música do que épicos de vinte e oito minutos, disse em tom de brincadeira, acho que ele não se importou. Enquanto ele dedilhava algo no instrumento, reparei que a ruiva das camisetas era atraente. Não sei bem por que, mas era. Passei uns instantes a observando. Acho que ela percebeu algum comentário, pois foi caminhando para saída enquanto eu e o rapaz conversávamos. Queria que ela aparecesse mais vezes.

WANDER SHIRUKAYA (PERNAMBUCO/ SÃO PAULO) – Escritor. Mestre em letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autor do livro Balelas (Contos, Muttus, 2012) e ganhador do Prêmio Pernambuco de Literatura (2014) com o romance Ascensão e Queda (CEPE, 2014), do qual aqui foi publicado um capítulo.



www.revistablecaute.com.br